



Há uma atividade da voz narrativa que organiza o acontecido, ordena os acontecimentos, apresenta os personagens, dispõe as temporalidades... Chamemos talvez de ficção, como ato ou efeito de “colocar no lugar de”, “dar o efeito de real”, como se aquilo que se passou longe do olhar e da vida dos ouvintes ali estivesse, numa “ilusão referencial” de presença e que permitisse o público “imaginar” como “teria sido” aquilo que se narra. Ou, então, chamemos simplesmente este ato singular e mágico de representação...<sup>1</sup>

## História e literatura em *O Cortiço*

Por Kellys Regina Rodio\*

A argumentação de Sandra Jatahy Pesavento explicita um mundo de poesia, de representação, de conto, do passado; mas, também, da realidade narrada. A autora analisa, contrapondo, o quanto há de ‘representação’ presente nos textos históricos e o quanto de ‘aproximação com o real’ é perceptível na linguagem literária.

Discussão pertinente e acirrada, no século XIX, o diálogo entre história e literatura dilui fronteiras, nos vértices: passado e presente, representação e real. Assim como minimiza lacunas, esquecimentos, formas de pensar, valores, racionalidades e sociabilidades diversas, que o filtro dos documentos oficiais “impõem” ao historiador. A literatura brasileira ajuda a compor, ‘ficcionalmente’, o universo social, político e econômico do país. O texto literário, como o histórico, expressa as

escolhas, seleções, recortes, visões de seu criador e é fonte histórica, pois seu autor se cerca de elementos do real para construir sua narrativa.

Pode-se afirmar, ainda, na confluência ‘história e literatura’ a expressão de níveis elevados de aproximação com o real, que tanto para o historiador como para o romancista comportam alto grau de desafio, conforme busca reconstruir as vivências sociais, os costumes e valores representativos de homens do passado e, por vezes, contemporâneos.

Nessa perspectiva o romance naturalista: *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, publicado em 1890, apresenta algumas características valiosas para a análise do contexto social carioca, no século XIX. Azevedo narra o cotidiano de personagens ‘anônimas’ e marginalizadas da sociedade carioca. O espaço social do cortiço, uma habitação coletiva, versa sobre os mais

variados tipos: lavadeiras, comerciantes, mascates, operários, prostitutas, imigrantes, etc. Essa rica caracterização de personagens possibilita ao historiador uma reflexão, a partir da construção de estereótipos brasileiros, e no caso desse estudo, especificamente, os estereótipos brasileiros sobre os negros.

De acordo com Roger Bastide todo estereótipo emite um julgamento de valor, muitas vezes com duplo sentido, em geral ligado a situação social e à degradação gerada pelo sistema escravista. “A apologia da força física do negro, por exemplo, subentende muitas vezes a idéia de que ele só serve para trabalhos de força, como a apologia sexual da negra subentende uma opinião pejorativa de sua moralidade”<sup>2</sup>.

Em relação à atribuição moral da negra, a personagem Rita Baiana investe sobre o imigrante português,

afastando-o da esposa, que irá desdenhar a mulata por corroer o juízo do amado. Rita configura o estereótipo de licenciosidade, volúpia e assimilação, "...pois auxilia a afastar o português de sua mulher legítima e, por conseguinte, do elemento tradicional, de resistência cultural dentro do lar, para fazê-lo correr atrás das brasileiras voluptuosas, das mulatinhas ávidas da honra de dormir com brancos"<sup>3</sup>. A personagem serve para Aluísio de Azevedo apresentar o significado desempenhado pela mulher negra na aculturação dos imigrantes

[Jerônimo] Estava completamente mudado. Rita apagara-lhe a última réstia das recordações da pátria... o português abraçou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído só por ela, só ela, e mais ninguém<sup>4</sup>.

Acentua-se a dimensão da aculturação na comparação entre o cotidiano português e o brasileiro. Piedade, a esposa traída, se revoltava,

...contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso [Brasil], que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode... E maldizia soluçando a hora em que saíra da sua terra [Portugal]; essa boa terra, cansada, velha como que enferma... lá Jerônimo seria ainda o mesmo esposo casto, silencioso e meigo...<sup>5</sup>.

Num outro extremo, aos malefícios de Rita, está a representação do estereótipo da crioula - feiúra física - e do negro bom - submissão<sup>6</sup>. Bertoleza une os dois aspectos, crioula

escrava e submissa "... pouco a pouco deixara de ser a amante do vendeiro [João Romão], para ficar sendo só uma sua escrava. Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se... sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda, repugnante..."<sup>7</sup> é enganada pelo comerciante e, no fim da trama, ao descobrir que não fora liberta tira a própria vida.

Há, ainda, o mestiço livre, estereótipo de vaidade e vadiagem, caracterizado em Firmo, amante de Rita Baiana,

um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas... pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. Era oficial de torneiro, oficial perito e vadio, ganhava uma semana para gastar num dia; às vezes, porém, os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro, e então ele fazia como naqueles últimos três meses: afogava-se numa boa pândega...<sup>8</sup>.

O cortiço lembra, também, através dos personagens João Romão, Miranda e Jerônimo as expectativas do imigrante português em relação ao Brasil. O primeiro é o comerciante que chega e faz fortuna, sempre em mangas de camisa e tamanco, representa a ambição, a fúria pelo acúmulo de bens. O segundo, negociante de fazendas, esboça o mundo aburguesado, casa-se com uma brasileira rica para conquistar o título de barão.

Os demais cenários apresentam personagens marginalizados pela 'cor' e situação social, que vivem o dia-a-dia numa contínua luta pela sobrevivência e pelo instinto de conservação. Essas personagens se diluem no universo fechado do cortiço, que se reveste de atmosfera própria, um pequeno mundo com leis e práticas diárias rigorosas.

O *Cortiço* aproxima-se do real através da habitação coletiva, explorada

pela burguesia ascendente; nele o comércio de João Romão e o sobrado de Miranda emergem sobre os moradores locais. Há vida no cortiço e nas personagens, que se articulam em várias possibilidades e leituras: o universo urbano; as práticas religiosas; os costumes; a valorização do branco; a mudança de hábitos alimentares; os hábitos sociais - burguesia e populares -; o cotidiano nos cortiços; a 'abolição' da escravidão; a distribuição de títulos aristocráticos; a ascensão do cortiço; a prostituição, a lusofobia: ("vivia-se, na época um clima de aversão aos estrangeiros, em especial aos portugueses...")<sup>9</sup>, e muito mais.

O romance de Aluísio de Azevedo, *representação do real*, ofereceu a literatura à dimensão de sua historicidade, aprimorando as possibilidades de interpretação e análise da sociedade carioca. Além de estabelecer novos padrões para problematização do discurso histórico, enriqueceu o campo interdisciplinar, auxiliando na compreensão das teorias da época, em relação à construção de estereótipos e do discurso nacionalista.

\* Graduada em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

## Notas

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Fronteiras da Ficção: diálogos da história com a literatura". In: *Histórias e Fronteiras. Anais do XX Simpósio da ANPUH*. Florianópolis: São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999, p.p. 819-820.

<sup>2</sup> BASTIDE, Roger. "Estereótipos de Negros através da Literatura Brasileira". In: *Estudos Afro-brasileiros*. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 1983, p. 115.

<sup>3</sup> AZEVEDO apud BASTIDE, op. cit., p. 126.

<sup>4</sup> AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1992, p. 175

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p. 158.

<sup>6</sup> Ver BASTIDE, op. cit., p. 124.

<sup>7</sup> AZEVEDO, op. cit., p. 173.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, p. 62.

<sup>9</sup> FARACO in AZEVEDO, op. cit., p. 12.